



1

EXPERIÊNCIAS DE JOSEPH RATZINGER E LEONARDO BOFF COMO COLABORADORES DAS REVISTAS INTERNACIONAIS *CONCÍLIUM* E *COMMUNIO*

DANILLO RANGELL PINHEIRO PEREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

E-mail – danillorangell@yahoo.com.br

O presente artigo possui como meta expor um ponto específico de uma investigação acerca das interpretações sobre o Concílio Vaticano II, presentes em escritos publicados pelos teólogos Joseph Ratzinger, papa Bento XVI (reinante entre 2005 e 2013; emérito entre 2013 e 2022) e Leonardo Boff, (teólogo e filósofo, expoente da Teologia da Libertação latino-americana). O recorte cronológico foi de 1965 a 2007. A rota seguida nesta comunicação foi refletir parte das experiências dos dois estudiosos católicos na comissão de redação da Revista internacional de Teologia *Conciliium*, fundada em 1965; e, posteriormente, a ruptura de Ratzinger com esse grupo e a sua participação na fundação de outra revista internacional de teologia, a *Communio*, em 1972.

Investigando por um tempo razoável parte da trajetória e pensamento de Joseph Ratzinger e Leonardo Boff, é pertinente iniciarmos um exercício de análise sobre alguns pontos de encontros e distanciamentos entre eles para melhor compreender suas interpretações do Concílio Vaticano II. Neste percurso, constatamos um debate tenso, marcado por distintas apropriações da história da Igreja Católica entre os dois teólogos. A razão foi o livro do brasileiro, *Igreja: Carisma e Poder* (1981), que inicialmente sofreu sanções da Comissão Arquidiocesana para a Doutrina da Fé do Rio de Janeiro e, posteriormente, da Congregação para a Doutrina da Fé.

Na linha de muitos teólogos da libertação, Boff optou, nos seus argumentos de defesa, por uma visão historicista da realidade e diálogo significativo com o marxismo. Já os membros da hierarquia, responsáveis e/ou simpáticos ao comando da Igreja,



defenderam concepções essencialistas e repulsivas ao pensamento de Marx ou a qualquer modelo analítico que pusesse em questionamento o caráter misterioso do poder clerical. Para citar um exemplo, nos debates acerca do livro em questão, Urbano Zilles, dom Karl Josef Romer e Joseph Ratzinger referiram-se a algumas teses de Leonardo Boff como sociológicas, e não teológicas. Os artigos e documentos escritos pelo autor do livro envolvido nas discussões não evitaram restrições a algumas teses de *Igreja: Carisma e Poder* e sua condenação por parte dos defensores do modelo tradicional, afinado com a conservação do poder na instituição. (Cf. PEREIRA, 2013. p. 164-230; PEREIRA, 2018. p. 187-256).

Como bem enfatizou Frei Vitório, um dos entrevistadores de Leonardo Boff na primeira vez em que o teólogo esteve presente no programa de TV Roda Viva, em 1997, o conflito entre o teólogo da libertação e seus críticos ocorreu no campo eclesiológico, ou seja, na forma com que acreditam e defendem que a Igreja Católica deve ser organizada (BOFF, 2013). As três concepções eclesiológicas decisivas no livro *Igreja: Carisma e Poder*, condenadas pela Comissão Arquidiocesana para a Doutrina da Fé no Rio de Janeiro (1982), e posteriormente pela Congregação para a Doutrina da Fé, em Roma (1984), foram: 1) Sua interpretação da estrutura da Igreja; 2) A concepção do dogma e da revelação; 3) O exercício do poder sacro. Após o exame da carta enviada pelo cardeal Joseph Ratzinger a Leonardo Boff, percebemos nesses três aspectos uma divergência entre os dois clérigos no que se referiu às concepções da história.

A perspectiva de Leonardo Boff, embora reconheça conteúdos de mistério na revelação do Deus cristão, é historicista, ou seja, em suas formulações, o autor procurou explicar a história da Igreja como uma construção humana e limitada às circunstâncias de um determinado momento socio-histórico. (PEREIRA, 2013; PEREIRA, 2015). Boff propôs a Ratzinger uma reavaliação da concepção de Yves Congar sobre a Igreja Católica, argumentando que a mesma não veio pronta das mãos de Cristo. (Cf. MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1985. p. 85-86).

Já o teólogo Ratzinger, ainda que reconheça as variações culturais e distintas perspectivas históricas, apoiou-se no essencialismo, ou seja, numa concepção da revelação de Deus menos dependente das circunstâncias históricas, baseada na



confiança do mistério da autoridade divina delegada a seus legítimos intérpretes – as autoridades eclesiásticas. Questionou o método teológico de Boff como protestante e carregado de certos princípios mais frequentes na Sociologia. Desta forma, suas críticas ao livro do teólogo brasileiro foram intensas, e o consenso entre eles não foi alcançado no campo das ideias religiosas. (PEREIRA, 2015).

As fontes que analisamos para compreender essas divergências entre os dois teólogos estão reunidas no livro *Roma Locuta, Documentos Sobre o Livro Igreja: Carisma e Poder de Leonardo Boff*. Nele estão anexadas cartas trocadas entre os teólogos, a defesa escrita de Boff e também os documentos emitidos pela Congregação para a Doutrina da Fé, incriminando pontos do livro em questão. Neste caso específico, que marcou o ápice da ruptura entre os dois teólogos, percebemos pontos divergentes, mas também confluentes em suas concepções da história da Igreja ou eclesiologias; fato que rendeu a Leonardo Boff o reconhecimento de consideráveis méritos de seu livro por parte de seus censores. (MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1985). Ampliando a pesquisa para a produção intelectual – principalmente os livros dos dois teólogos –, foi possível continuar a perceber diferentes percepções de suas visões sobre a Igreja Católica. Entretanto, os dois intelectuais também mantiveram pontos de convergências; entre eles, o diálogo com a então vivaz teologia do Vaticano II¹.

O encontro com as novidades causadas pelos debates do Concílio Vaticano II, aproximaram Joseph Ratzinger e Leonardo Boff em finais das décadas de 1960 e início de 1970. Boff relatou ter assistido a várias palestras do então professor Ratzinger em Munique e descreveu que ele era um teólogo muito querido e conhecido na Alemanha, tinha ideias renovadoras e lotava os auditórios. (BOFF, Entrevista à *Folha de S. Paulo*, 2005). Por um tempo, os dois estudiosos foram amigos e até tocaram alguns projetos juntos, como colaborações em edições da revista *Concilium*. Nos intervalos das reuniões anuais dos teólogos, costumavam conversar sobre diversos temas, entre eles, a América Latina, Santo Agostinho e São Boaventura (autores apreciados por ambos). Mais

¹ Em Simpósios Nacionais anteriores (2017, 2019 e 2021) organizados pela Anpuh, foram discutidas algumas dessas considerações em artigos publicados nos anais.



adiante, por escolhas políticas e pastorais distintas, tomaram caminhos opostos. (Entrevista de Leonardo Boff a Estação Sabiá, 2020).

Concilium e Communio: marcas das atuações de dois estudiosos do Vaticano II

A partir de meados da década de 1960 e início da década de 1970, duas revistas organizadas por estudiosos católicos – a maioria teólogos – alcançaram, e até o tempo presente possuem, relevância mundial. Entre os principais objetivos de seus programas estavam: 1) pensar a importância do Vaticano II, 2) aprofundar o diálogo entre Igreja e mundo, 3) divulgar pesquisas, debates e estimular novas investigações sobre diversos temas. A primeira, chamada *Concilium*, foi fundada no ano de encerramento do evento; e a segunda, *Communio*, teve sua primeira edição em 1972. A intenção aqui não é discutirmos a vasta produção bibliográfica de seus editoriais, tarefa para uma pesquisa específica e de considerável relevância, mas, sim, compreender as orientações de pensamento dos círculos intelectuais dos quais fizeram parte Joseph Ratzinger e Leonardo Boff, e os lugares distintos de atuações de cada um deles.

A revista internacional de teologia *Concilium* teve seu primeiro número publicado no dia 15 de janeiro de 1965, antes do encerramento do Concílio Vaticano II, que ocorreu no dia 8 de dezembro daquele ano. Na época, o primeiro número foi entregue a todos os padres conciliares. O empreendimento passaria a ser qualificado como uma publicação "de ruptura" com a tradicional teologia católica. (Cf. FAGIOLLI, 2013. p. 82-83; GIBELINI, 2014; RAHNER; SCHILLEBEECKX, 1965; RIZZI, 2022). Joseph Ratzinger e, posteriormente, Leonardo Boff, foram colaboradores de seu conselho editorial. Sobre aquele período, relatou Leonardo Boff em entrevista, após ser interrogado sobre a origem de sua amizade com o então papa Bento XVI.

[...]. A partir de 1965, com a criação da revista *Concilium*, formou-se o grupo dos 25 teólogos mais influentes no mundo, grupo que se reunia uma vez ao ano em alguma cidade europeia, sempre na semana de Pentecostes, para discutir os rumos da igreja pós-Vaticano II. Ratzinger estava lá, conosco. Ficou tão entusiasmado com a minha tese de doutorado na Universidade de Munique, sobre a Igreja como



sinal no mundo secularizado, que tratou de arrumar editora e financiamento de 14 mil marcos para a publicação. [...]. (Entrevista com Leonardo Boff. Acesso 08 de setembro de 2020. p. 3).

O teólogo alemão esteve entre os colaboradores do primeiro número da revista sobre a temática dogma. O artigo publicado foi: "As implicações pastorais da doutrina da colegialidade dos bispos". Seu conteúdo básico foi a discussão da fonte original do poder atribuído aos bispos dotados do carisma de servir, orientar os fiéis e governar a Igreja em comunhão com papa. (Cf. RATZINGER, 1965. p. 27-49). Sobre a participação naquele empreendimento intelectual da revista, ele comentou em entrevista ao jornalista Vittorio Messori:

[..]. Não fui eu que mudei, mudaram eles. Desde as primeiras reuniões, apresentei a meus colegas duas exigências. A primeira: o nosso grupo não deveria ser sectário, arrogante, como se fossemos a nova e verdadeira Igreja, um magistério alternativo com toda verdade sobre o cristianismo no bolso. Segunda: era preciso confrontar-se com a realidade do Vaticano II, com a letra e o espírito autênticos do Concílio autêntico, e não com um imaginário Vaticano III; sem, pois, fugas solitárias para a frente. Estas exigências a seguir, foram cada vez menos mantidas, até se produzir uma mudança total – que se pode situar por volta de 1973 –, quando se começou a dizer que os textos do Vaticano II já não podiam ser o ponto de referência da teologia católica. [...] (RATZINGER, 1985. p. 8-9).

De acordo com a visão exposta por Joseph Ratzinger, a proposta da revista foi aos poucos sendo distanciada de sua perspectiva inicial. Tal fato não demorou a causar tensões entre Igreja Católica e número expressivo de colaboradores da *Concilium*. Antes mesmo de ser tornada pública na fase de organização do projeto da revista, o teólogo francês Yves Congar recordou em seu diário que:

[..] monsenhor Carlo Colombo – mais ou menos em nome de Paulo VI – pôs uma série de condições ao futuro conselho de redação. “Caso contrário, ele continuava a explicar: “Roma não apenas não aprovaria tal iniciativa, mas criaria uma revista internacional de teologia Católica que lhe fizesse concorrência e fosse fiel à sua própria teologia”. (SARTO, 2019. p. 325, v. 1).



O teólogo da casa pontifícia ainda sugeriu ao comitê de redação da *Concilium* a assessoria de um grupo formado por bispos, um nome menos institucional do que o proposto e expressava desconfiança com o do teólogo Hans Kung como diretor de publicação. A referida proposta foi rejeitada pelos principais membros do projeto da revista e a *Concilium* surgiu como uma alternativa autônoma. Na exposição da linha editorial da revista em seu primeiro número, dois teólogos, o jesuíta Karl Rahner e o dominicano Eduard Schillebeeckx, em nome do conselho editorial, explicaram:

Para a revista, o título escolhido foi concilium. Isso não pretende de forma alguma, reivindicar qualquer propriedade oficial. A escolha deste título significa, ao contrário, que leva em conta as diretrizes dadas aos fiéis pela autoridade pastoral da Igreja, que foi tão vigorosamente expressa no Concílio Vaticano II. A revista aspira então, a continuar construindo sobre a base deste concílio. (RAHNER; SCHILLEBEECKX, 1965, p. 5).

Além de teólogos renomados como Karl Rahner, Eduard Schillebeeckx e Hans Urs von Balthasar, os colegas de Turbigem Hans Kung e Joseph Ratzinger estiveram empenhados neste projeto da *Concilium*. Como a proposta era intensificar as reflexões do último concílio católico, incentivar as pesquisas teológicas e intercâmbios de ideias para uma efetiva renovação que tomara aquele evento como ponto de inspiração; teólogos de outros continentes também passaram a fazer parte do empreendimento, entre eles, os latino-americanos Gustavo Gutierrez e Leonardo Boff.

O teólogo brasileiro possuía experiência de editor na *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)* e, por ter sido estudante na Europa, mantinha muitos contatos com teólogos do velho continente. Na *Concilium*, participou de várias reuniões anuais, na semana de Pentecostes, oportunidade em que havia discussões e seleção dos materiais a serem publicados pela revista em números posteriores. Entre os artigos de Leonardo Boff estão: 1) O sacramento do matrimônio, 1973; 2) Salvação em Jesus Cristo e processo de libertação, 1974; 3) O sofrimento que nasce de luta contra o sofrimento, 1976; 4) O fim de uma indústria: o anticomunismo, 1989; 5) Vida e morte sobre o



planeta Terra, 1999; 6) A visão inacabada do Vaticano II: Ekklesia-Hierarquia ou Povo de Deus? 1999².

Dentre os teólogos a publicarem artigos nos primeiros anos da *Concilium*, merecem destaque os dominicanos Edward Schillebeeckx e Yves Congar, o jesuíta Karl Rahner, professores de universidades tradicionais da Alemanha, a exemplo de Hans Küng, Johann Baptist Metz e Walter Kasper. O primeiro editor foi Paul Bran, e o presidente, Anton von den Boogaard. Naquela fase inicial eram publicadas 10 edições por ano, que eram divididas em 10 seções com os seguintes temas: 1) Sagrada Escritura (exegese), 2) Dogma, 3) Moral, 4) Igreja e Mundo (teologia fundamental), 5) Pastoral (teologia prática), 6) Liturgia, 7) História da Igreja, 8) Espiritualidade, 9) Direito Canônico e 10) Ecumenismo.

A revista chegou a ser editada em onze diferentes línguas: francês, alemão, inglês, holandês, espanhol, português, italiano, polonês, japonês, sérvio e croata. A partir de 1984, foram introduzidas mais duas seções produtivas: "Terceiro Mundo" e "teologia das mulheres". Os dois temas acrescentaram mais controvérsias entre autoridades católicas e muitos teólogos. A partir de 1997, *Concilium* passou a abordar os grandes temas do debate cultural e teológico conjugando interdisciplinaridade e interculturalidade, articulando-os em cinco áreas temáticas, correspondentes a cinco fascículos anuais: 1) fé cristã; 2) ética e forma de vida; 3) Igreja e ecumene; 4) religião e religiões; 5) perspectivas globais (GIBELLINI, 2014; RIZZI, 2015).

Os principais organizadores da revista foram simpáticos à diversidade de ideias e concepções teológicas, fato que, desde o início, lhe dera certa autonomia em relação ao controle doutrinário das autoridades romanas, assim como, aos poucos, afirmava-se como uma referência para estímulo a novas pesquisas e questionamentos de posições tradicionalmente rígidas. Sobre sua convivência e amizade com Ratzinger naquela experiência editorial, Boff comentou:

[...]. Durante cinco anos, trabalhamos juntos na preparação da revista *Concilium*, que saía 10 vezes ao ano em 11 línguas diferentes. Então

² Os artigos completos estão na seção das fontes e referências. Por não ter tido contato com os originais, parte deles foram traduzidos do francês para o português.



nos reuníamos. E nos aproximamos. Em vez de fazer cesta, como todos faziam, ele me convidava para uma caminhada. Conversávamos muito, trocávamos livros, ele apreciava muito a minha teologia. Depois, como cardeal, mudou. Ele me chama, ainda hoje, de "teólogo piedoso". (BOFF, Entrevista concedida a Zero Hora 11/02/2013).

Nessas memórias do contato entre dois padres, professores de teologia, Boff nos deu pistas sobre o repertório de leituras apreciado por ambos. Entre os clássicos da história da teologia estavam Agostinho e Boaventura. As mudanças de Joseph Ratzinger, pontuadas por Leonardo Boff, teriam sido mesmo somente depois da chegada ao cardinalato? Naquele período já havia tensões resultantes de distintas interpretações do Concílio Vaticano II que, com o passar dos acontecimentos, eram ampliadas entre expressivo número de teólogos católicos.

Diferentes concepções acerca de temas como, por exemplo: 1) revelação, 2) a forma como deve ser organizada a Igreja Católica (eclesiologia), 3) a ação do Espírito Santo na história humana (pneumatologia), 4) o exercício do poder papal, começaram a ficar cada vez mais visíveis. Expressivo número de colaboradores da revista *Concilium*, entre eles, estudiosos da envergadura de Karl Rahner, Eduard Schillebeeckx, Yves Congar, Henri de Lubac, Hans Urs von Balthasar, passaram a explicitar, com maior frequência, aquelas diferenças e envolveram-se num conflito amplo, onde o que esteve em disputa foi a legítima interpretação do legado daquele último concílio. Os jovens (Ratzinger já renomado professor e Boff em início de carreira) assumiram suas posições neste campo de disputas e contribuíram por caminhos diferentes neste debate.

Leonardo Boff teve traduzido para o português o décimo quinto capítulo de sua tese de doutorado, a temática foi o ecumenismo. Ali, ele expôs sua visão do Vaticano II, assim como enfatizou a importância de avançarmos para além da letra dos documentos conciliares, para aprofundamento, no seu entender, sobre a prática do diálogo entre as religiões, seu potencial de libertação e desenvolvimento da humanidade. (BOFF, 2002. p. 13-40). Estas e outras discussões contidas na tese foram também discutidas em artigos da *Concilium*. Na linha da maioria dos teólogos daquela revista, o brasileiro defendeu um catolicismo menos hierárquico e doutrinário e mais próximo de uma concepção aberta à influência de outras culturas (Cf. BOFF, 1999. p. 45-54).



A diversidade de estudiosos e publicações nem sempre simpáticas à teologia católica defendida pela igreja hierárquica fez com que alguns colaboradores se distanciassem da linha editorial da revista *Concilium*, entre eles, Joseph Ratzinger, que anteriormente, na Universidade de Turbinga, onde atuou como professor no período de 1966 a 1969, já enfrentara dificuldades. Sobre suas divergências com os colegas da *Concilium*, o então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé explicou ao jornalista Vitório Messori. “[...] Dizia-se, com efeito, que o Concílio pertencia ao ‘momento tradicional, clerical’ da Igreja e que era preciso superá-lo: um mero ponto de partida, no final das contas. Mas naqueles anos eu já me demitira, há tempos [...]”. (RATZINGER, 1985. p. 9).

No ver do estudioso alemão, era necessário aos católicos se manterem prudentes e fiéis aos documentos conciliares. Isso nos sinaliza que Ratzinger divergiu de seus colegas da *Concilium* na sua concepção eclesiológica sobre a origem e a fonte do poder sagrado no interior da instituição. Tal diferenciação não é simples de ser compreendida, pois os estudiosos em questão possuem pontos de convergência em matéria de núcleo da fé. Entretanto, similares às diferenças entre o pensamento de Ratzinger e Boff, enquanto muitos teólogos ligados à *Concilium* pensavam a história da Igreja Católica numa chave de leitura historicista, outros como Ratzinger a concebiam numa chave essencialista. O método histórico-crítico teve legitimidade entre ambos os círculos de pensadores.

Professores como Gottlieb Sohngen, que havia sido orientador de pesquisa de Ratzinger e assinara um parecer no qual a comunidade teológica não via evidência histórica para a declaração do dogma da assunção corporal de Maria ao céu pela Sé Romana³, nos trouxe um testemunho interessante. Por volta de 1949 ao ser questionado reservadamente por um colega protestante se deixaria de ser católico caso o dogma fosse estabelecido, respondeu: “se o dogma sair, eu me lembrarei de que a Igreja é mais sábia do que eu e hei de confiar mais nela do que na minha própria erudição” (RATZINGER, 2007. p. 67-68). O ex-estudante daquela universidade, tornado papa, completou a citação da opinião de seu professor, lembrada em sua autobiografia,

³ O dogma foi estabelecido pelo papa Pio XII em 01 de novembro de 1950.



argumentando como acreditava ter se aprendido teologia na escola de Munique: “creio que esta pequena passagem diz tudo sobre o espírito, de crítica e de fé, em que lá se fazia teologia”. (RATZINGER, 2007. p. 68).

Não muito depois da ruptura com os intelectuais da *Concilium*, surgiu a revista internacional *Communio*; e o teólogo Ratzinger esteve entre seus principais organizadores. Junto com ele, estiveram também Henri de Lubac – teólogo jesuíta feito cardeal – e Hans Urs von Balthasar – padre suíço, amigo pessoal de João Paulo II. O último respondeu a dois jovens ligados ao movimento Comunhão e Libertação – um deles, Angelo Scola, futuro arcebispo de Milão – que o haviam procurado para pensar numa revista internacional de teologia mais identificada com as orientações da Santa Sé romana. Balthasar lhes respondeu: Ratzinger é essencial para uma edição em língua alemã. (Cf. SARTO, 2019. p. 370, v.1). Em que pese sua amizade com o papa, o estudioso suíço da Basileia, consultado pelos dois jovens ligados ao Comunhão e Libertação (movimento compreendido por muitos pesquisadores do catolicismo como conservador) fora também considerado por vários intelectuais (simpáticos à teologia progressista e da libertação) a exemplo de Leonardo Boff e dom Paulo Evaristo Arns, um dos maiores teólogos do século passado (BOFF; LANCELOTTI; LOPES. 2021).

A revista internacional de teologia *Communio* foi fundada em 1972. Seus principais organizadores expuseram como principal meta uma nova perspectiva de diálogo entre pesquisa, teologia e autoridades institucionais responsáveis pelo zelo da doutrina católica. Tal tarefa complexa foi iniciada e o então recente Concílio Vaticano II foi o principal ponto de partida para a implantação daquelas novas metas e atuações pastorais na instituição. É pertinente pontuar que nem sempre entre clérigos e teólogos católicos havia uma interpretação consensual sobre o evento. Os intelectuais empenhados na construção daquela revista mostraram-se abertos ao diálogo entre Igreja e mundo, fé cristã, diversidade cultural e ecumenismo; mas sempre tomaram como referência o cristianismo, seu núcleo doutrinal e litúrgico, a teologia católica. (Cf. RATZINGER, 2013. p. 116-131).

Alguns anos depois da fundação da revista *Concilium*, vários colaboradores daquela linha editorial, entre eles, Joseph Ratzinger e seus companheiros Henri de



Lubac e Hans Urs von Balthasar, já não compartilhavam mais com a postura da revista. Questionavam o fato de que uma parcela de teólogos que escreviam naquele veículo de circulação mundial considerava o concílio do século XX como não concluído, como um canteiro de obras permanente, ele era compreendido como um ponto de partida para rupturas, deste modo havia incentivos à aceleração das reformas para bem além da letra do Vaticano II, a ponto de se sondar, entre muitos, um Vaticano III.

Em 1969, o papa Paulo VI, acolhendo uma proposta do primeiro Sínodo dos Bispos, havia instituído a Comissão Teológica Internacional, da qual fizeram parte dezenas de teólogos de diferentes nacionalidades. Entre as metas daquela comissão estavam a compreensão da unidade católica na diversidade, a busca da comunhão entre diferentes, trilhando uma referência de unidade na Sé Romana. Entre os teólogos conhecidos, pode-se destacar: Hans Urs von Balthasar, Yves Congar, os jesuítas Karl Rahner, Henri de Lubac, dentre outros. Joseph Ratzinger também foi chamado para compor a comissão desde o início e, naqueles anos, se encontrou do lado daqueles que, embora afirmando sem reservas a renovação conciliar, não acreditavam que a Igreja devesse viver em um estado de "revolução permanente". Karl Hahner, simpático a uma agenda mais reformadora do Concílio, romperia posteriormente com aquele grupo (Cf. RATZINGER, 2007. p. 123-127; TORNIELLI, 2006, p. 81-82).

A pedido do teólogo Hans Urs von Balthasar, no início dos anos 1970, foram postas as bases para uma nova revista, *Communio*, que se apresentou como um polo de atração para todos os teólogos que se tornaram opostos ao que consideravam radicalismo de muitos estudiosos atuantes na *Concilium*. O nome da então nova revista é significativo: os promotores querem servir à Igreja e promover a comunhão. (Cf. RATZINGER, 2013. p. 116-131). Elio Guerreiro, um dos colaboradores da *Communio* na Itália, ao relatar os acertos para implantação do projeto, escreveu:

[...]. Em resumo, os três teólogos amigos, por ocasião de uma reunião da comissão teológica, encontram-se uma noite com Le Guillou e Medina numa taverna romana. Discutem mais uma vez sobre o seu desconforto, mas também sobre a necessidade de fazer ouvir suas vozes. Alguns deles, entre os quais von Balthasar e Ratzinger, estiveram entre os colaboradores de *Concilium*, mas agora sentem a



necessidade de distanciar-se dela e pensam numa nova revista intitulada *Communio*. [...]. (GUERREIRO, 2021. p. 265-266).

De acordo com o Andrea Tornielle, a revista *Communio* “era uma oficina que forjou boa parte da atual classe dirigente da Igreja: não só Ratzinger, mas também muitos bispos e cardeais”. (TORNIELLI, 2011). O próprio padre Balthasar teria recebido o chapéu cardinalício, mas partira da vida terrena dias antes de tornar-se um dos príncipes da Igreja. Comentando sobre a nomeação de Angelo Scola a arcebispo na diocese de Milão, pelo então papa Bento XVI, escreveu Tornielli:

Portanto, Bento XVI conhece Scola há 40 anos. Primeiro como colaborador da *Communio*, depois, a partir da metade dos anos 1980, como colaborador na Congregação para a Doutrina da Fé. A revista começará as suas publicações regulares em 1974, inicialmente em alemão e em italiano, depois em muitas outras línguas, incluindo o polonês, por iniciativa do arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła. E se havia sido Paulo VI, nos últimos anos do seu pontificado, que quis nomear alguns ilustres teólogos à liderança de importantes dioceses (o caso de Ratzinger, catapultado, ainda com 50 anos, do ensino universitário à arquidiocese de Munique e, em poucos meses, criado cardeal imediatamente, é o mais conhecido), será o seu sucessor, Wojtyła, que “pescará” da ninhada da *Communio* muitos expoentes da nova classe dirigente da Igreja, cooptando alguns ao Colégio dos Cardeais. Um caminho percorrido também por Bento XVI, redator da revista, que se tornou papa. (TORNIELLI, 2011. p. 3).

Pelo relato do autor, percebe-se que os intelectuais da *Communio*, nas lutas pela legitimidade de interpretação da história do Concílio Vaticano II, abraçaram a responsabilidade de zelar pela doutrina tradicional da Igreja Católica. Tarefa bastante desafiadora, haja vista serem eles os responsáveis por combater possíveis desvios heréticos de teólogos não afinados com a doutrina tradicional da Igreja, bem como todo um conjunto de jornalistas e cientistas que, em muitos momentos, questionam a visão católica de mundo, principalmente em assuntos ainda tabus, como ordenação de mulheres, sexualidade, divórcio, aborto, métodos contraceptivos, etc. Uma lista ampla daqueles colaboradores da *Communio*, que haveriam de ser tornados autoridades eclesiais, pode ser lida no artigo de Tornielli.



Além de Scola, ex-reitor da Universidade Lateranense, patriarca de Veneza e agora chefe da diocese ambrosiana, provêm do viveiro da *Communio* os cardeais alemães Karl Lehmann (bispo de Mainz e ex-presidente da Conferência Episcopal Alemã) e Walter Kasper (presidente emérito do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos), o suíço Eugene Corecco (bispo de Lugano falecido em 1995), o brasileiro Karl Romer (ex-secretário do Pontifício Conselho para a Família), o belga André Mutien Léonard (recentemente nomeado arcebispo de Malines-Bruxelas), o chileno Jorge Arturo Medina Estévez (ex-cardeal prefeito da Congregação para o Culto Divino, que, como protodiácono, anunciou ao mundo a eleição do colega da *Communio* Joseph Ratzinger), o canadense Marc Ouellet (cardeal prefeito da Congregação para os Bispos), o dominicano austríaco Christoph Schönborn (cardeal arcebispo de Viena). (TORNIELLI, 2011. p. 4).

Os fatos expostos nos demonstram como as lutas pela interpretação do Concílio Vaticano II influenciaram, em parte, nas indicações para o posto de bispo, teólogos engajados com a proposta de leitura instituída pela Sé romana e consolidada no Sínodo dos Bispos de 1985. O brasileiro Karl Joseph Romer, colaborador da *Communio*, sagrado bispo no início dos anos de 1980, foi um dos sensores de Leonardo Boff nos tenhos debates entre a Comissão Arquidiocesana para a Doutrina da Fé do Rio de Janeiro, criada, segundo o ex. franciscano, para julgar por primeiro seu livro. A revista também seria veículo para divulgar possíveis condenações de trabalhos teológicos considerados não afinados com a sã doutrina da Igreja Católica.

O teólogo Dadeus Grings, analisou o caso Boff conforme a versão das autoridades católicas e teve suas considerações publicadas pela revista *Communio* (1985). Outros livros do autor de Igreja: *Carisma e Poder*, como *Jesus Cristo libertador* (1972), *Paixão de Cristo Paixão do Mundo* (1977), foram pontuados em suas possíveis fragilidades por um de seus antigos professores, Boaventura Kloppenburg (Cf. 1985. p. 25-40). Posteriormente, a obra *A Trindade, a Sociedade e a Libertação* também passou por considerações críticas da Comissão Arquidiocesana para Doutrina da Fé do Rio de Janeiro publicadas em uma edição da revista internacional. (Cf., 1987. p. 69-97).



Em 1992, Boff decidiu sair da função de padre e tornou-se teólogo leigo. Mas, por que razão outros teólogos progressistas, colaboradores da revista *Concilium*, que não desistiram do sacerdócio ou não romperam seus votos de obediência, a exemplo de Gustavo Gutierrez, José Oscar Beozzo, João Batista Libânio não teriam sido indicados à sagração episcopal? Polêmicas à parte, por volta de 1992, celebrando o vigésimo aniversário da revista *Communio*, o então cardeal Ratzinger traçou um balanço autocrítico sobre a relevância daquele trabalho na revista e questionou:

Tivemos essa coragem o suficiente? Ou, ao contrário, nos escondemos atrás de erudições teológicas para demonstrar, um pouco demais, que nós também estamos à altura dos tempos? Enviamos verdadeiramente a um mundo faminto a palavra da fé de forma compreensível e que chega ao coração? Ou talvez ficamos, também nós, muito dentro do círculo daqueles que, com linguagem especializada, brincam jogando a bola uns para os outros? (RATZINGER, 2013. p. 130-131. Tradução nossa).

No próprio balanço, Joseph Ratzinger nos esclarece – principalmente quando recorda as contribuições de Hans Urs von Balthasar na definição do programa da Revista. A fidelidade àquela proposta, segundo o cardeal, nos leva ao questionamento sobre seu legado intelectual. Deste modo, acreditou que a lealdade ao projeto da revista necessita da ampliação de sua diversidade de contribuições, não restrita a teólogos e destinada a especialistas em determinadas áreas do conhecimento científico e filosófico, mas aos fiéis dispostos a compreender e colaborar com a missão católica no mundo de hoje.

Num breve balanço sobre as atuações de Joseph Ratzinger e Leonardo Boff nas redações das revistas *Concilium* e, posteriormente, o alemão na *Communio*, pode-se acessar (ainda que de maneira singular) parte das principais disputas pela legítima interpretação do legado do Concílio Vaticano II. O acontecimento intelectual mais importante do século XX, para os católicos, propôs a abertura do diálogo com o mundo contemporâneo, seus desafios e possibilidades de crescimento mútuo com a Igreja. As revistas aqui brevemente discutidas foram veículos relevantes de ampliação deste esforço.



A *concilium*, à qual o brasileiro fora mais identificado, partiu do último concílio católico, mas aprofunda seu ponto de chegada valorizando e estendendo a compreensão da verdade, no ver destes estudiosos, não somente presente na religião cristã, mas também nos vários espaços de produção cultural e religiosa. A *Communio* não desvalorizou essa rota; entretanto, o ponto de partida iluminado pela tradição cristã e sua leitura conciliar é vista como verdade perene que se mistura ao mundo, porém mantém sua identidade evangélica e perspectiva do Cristianismo como verdadeiro caminho de salvação da humanidade.

FONTES E REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. O Sacramento do Matrimônio. *Concílio*, n. 87, p. 796-806, Jul. 1973.

_____. Salvação em Jesus Cristo e processo de Libertação. *Concílio*, n. <<X>>, p. 753-764. Jun. 1974.

_____. Souffrance Engendrée par la Lutte Contre la Souffrance. *Concílio*, n. 119, p. 13-25, 1976.

_____. La Fin d'une Industrie l' Anticommunisme. *Concílio*, n. 225, p. 1-3. Octobre. 1989.

_____. La Vision Inachevée de Vatican II: Ekklesia, Hierarchie ou People de Dieu? *Concílio*, n. 281, p. 45-54, 1999.

_____. Vie et Mort Sur la Planète Terre, *Concílio*, n. 283, p. 13-25, 1999.

_____. A Igreja como Sacramento e as Religiões da Terra. *Numem* revista de estudos e pesquisas da religião, Juiz de Fora, v5, n.1, p. 13-40, 2002.

_____. *Entrevista ao programa Roda Viva*. 06 de jan. 1997.

BOFF, Leonardo. Entrevista de Leonardo Boff a Estação Sabiá. Acesso dia 10 de janeiro de 2020.

_____. *Ao mestre, sem retoques. Entrevista com Leonardo Boff*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508081-aomestresemretoquesentrevistacomleonardoboff>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.



_____. O novo Papa. *Folha de São Paulo* 24 de abril de 2005.

BOFF, Leonardo; LANCELOTTI, Julio Renato; LOPES, Mauro. *Entrevista – Centenário de dom Paulo Evaristo Arns*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6QtK0BFm9FQ>. Acesso em: 29 de dezembro de 2021.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. Tradução Sergio Miceli [et. Al]. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: Entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa, Portugal: Difel, 1990.

COMISSÃO ARQUIDIOCESANA PARA DOUTRINA DA FÉ DO RIO DE JANEIRO/69. “Boletim da Revista do Clero” do Rio de Janeiro, ano 24 (1987), março p. 27-54 In: *Commúnio*, n. 31, v. 6, ano 6, p. 69-97, Jan./fev. 1987.

COSTA, Iraneidson Santos; PEREIRA, Danillo Rangell Pinheiro. Diálogo entre Religiões nos Escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio vaticano II. In: *Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos*. 1 ed. Ponta Grossa: Atena, 2022, p. 29-44.

FAGIOLI, Massimo. *Vaticano II a Luta pelo Sentido*. Tradução Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2013.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.

GRINGS, Dadeus. “O Caso Boff”. *Commúnio*, n. 19, p. 41-52, jan./fev. 1985.

GUERREIRO, Elio. *Bento XVI Servo de Deus e da Humanidade*. Tradução Thácio Siqueira. São Paulo: Quadrante, 2021.

KLOPPENBURG, Boaventura. A Consciência de Jesus Segundo Leonardo Boff. *Commúnio*, n. 19, p. 25-40. Jan./fev. 1985.

KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Org.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições Decretos e Declarações*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (Org.). *Roma Locuta, Documentos Sobre o Livro Igreja: Carisma e Poder de Leonardo Boff*. Rio Branco,



Belém, Recife, Viçosa, Nova Iguaçu, São Paulo, Porto Alegre, Goiânia: Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA, Danillo Rangell Pinheiro. *Concepções da História na Teologia da Libertação e Conflitos de representação na Igreja Católica (1971 – 1989)*. Salvador: Saggá, 2018. Obs. Defendido como dissertação de Mestrado na UEFS em 2013.

_____. As Restrições da Sagrada Congregação para a doutrina da fé no Vaticano ao livro Igreja: carisma e poder de Leonardo Boff. In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios: 27 a 31 de Julho de 2015. Florianópolis: Anpuh, 2015.

RAHNER, Karl; SCHILLEBEECKX, Eduard. Introdução geral. *Concilium* n. 1 Dogma. p. 3-4, Jan. 1965.

RATZINGER, Joseph. As Implicações pastorais da doutrina sobre a Colegialidade dos Bispos. *Concilium*, n. 1 Dogma, p. 27-49, jan. 1965.

_____. Communio. Un programa teológico y eclesial. *Communio*, n. 506. Madrid, Edições Ecuentro, 2013.

RIZZI, Filippo. Concilium, 50 anos na vanguarda. *Jornal Avvenire* 13/01 de 2015. Tradução Moisés Sbardelotto. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/538943-concilium-50-anos-na-vanguarda>. Acesso em: 09 de abril de 2022.

SARTO, Pablo Blanco. *Bento XVI O Papa Alemão*. Tradução Rudy Albino de Assunção e Cesar Colera Bernal. São Paulo: Molokai, 2019. v.1.

TORNIELLI, Adrea. *Bento XVI O Guardião da Fé*. Tradução Maria Judith Sucupira da Costa Lins. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Concilium ou Communio? Um (futuro) papa na redação*. 27 de Junho de 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/44764-concilium-ou-communio-um-futuro-papa-na-redacao>. Acesso em: 09 de abril de 2022.